

O programa dos monárquicos mussolinistas apresentado, em conselho de ministros, pelo general Gomes da Costa

O Terreiro de Paço mudou-se ontem, inopinadamente, para as salas da redacção do jornal *A Época*. Mendes Cabeçadas está condenado a ser um intruso e o general Gomes da Costa hipotecou os miolos ao bando negro inspirado e dirigido pelo jesuíta professor, pelo agente provocador da Companhia de Jesus—Fernando de Sousa Nemo.

Só assim se explicaria que o programa que o general Gomes da Costa apresentou em conselho de ministros, impondo, com a mão no punho da espada, a sua adopção ao actual governo, fôsse fornecido à imprensa pelo jornal que mais intrigas e mais calúnias e mais conspirações tem urdido contra a república. E também só assim se encontraria uma explicação categórica, destas explicações que não permitem a sombra duma dúvida, sobre as intenções do famoso programa que é, no momento actual, a última palavra sobre reaccionarismo, excedendo até, nalguns pontos, a violência brutal e ancestral que supunhamos ter encontrado em Mussolini, a sua máxima e supremamente criminosa expressão.

Diz-se, dizem-nos mesmo, que foi a tropa de Sacavém quem redigiu a miséria reaccionária, o lodo legislativo, a lama viscosa do programa. Não acreditamos. Sabemos que até Sacavém predomina o vinho do Cartaxo e que este possui uma elevada graduação alcoólica, mas não acreditamos que se tivesse abusado dele a ponto de se ter elaborado o programa a que nos vimos referindo.

A tropa talvez tivesse aprovado aquela singular infâmia; aprová-la talvez, mas não a pensou, nem a redigiu. Preferimos cortar a cabeça à tropa, a responsabilizá-la pelo que esse doido, esse doido mau e perigoso que é *Nemo*, foi buscar ao mais celebrado dos canos de exgôto do reaccionarismo europeu.

Pretende esse asqueroso homem que é *Nemo* desenhá-lo sobre o país a mais sangrenta, feroz e paurosa das guerras civis. Mas que tenha cautela! Um fantoche odioso, mesmo de cabelos brancos, não passa dum fantoche odioso.

Examinemos, porém, sem demora, o programa que seria inexistente na mais reaccionária das monarquias.

Libertação da família

Sobre este capítulo limitar-nos hamos hoje à análise duma só medida: a revisão da lei do divórcio. Revisão é uma palavra hipocrita que oculta metade da verdade. Revisão é um disfarce, visto que não é disso que se trata. Pretende-se mas é suprimi-la.

O divórcio é uma medida humana, com a qual a própria burguesia teve de transigir, para evitar que a vida moral e sexual arvorasse, em franca rebelião com a sociedade, orgulhosamente e legitimamente, o pavilhão da união livre.

A união dos seres não pode ser indissolúvel, por lei, mas pelas circunstâncias. E as circunstâncias aconselham muitas vezes a separação. Imaginemos uma mulher que tornasse o adultério um *sport* delectável ou um homem que se transformasse no mais violento e impulsivo dos canalhas. Imaginemos ainda a loucura, o alcoolismo, a degenerescência moral, a mais formal incompatibilidade de géneos. Em qualquer destes casos, dois seres ficam condenados: um a ser o instrumento do suplicio do outro e o outro a ser até à hora da morte enxovalhado, infamado e martirizado.

Condenar dois seres à infelicidade legal, à infelicidade perpétua, só podia lembrar a um criminoso. E' a obra da negra igreja de Roma. E surge, a querer impor-se vitoriosa na hora livre, na hora esclarecida em que a grande massa dos católicos é pelo divórcio! E surge este projecto numa república, quando numa monarquia como a Dinamarca é proibida por lei a expressão de tratamento que separe a mulher solteira da mulher casada, a mulher virgem daquela que o não é. Este crime só pode ter uma resposta condigna: um escarro verde na face de quem o premeditou.

Libertação da propriedade e autonomia económica nacional

Sobre este capítulo limita-se o programa a vagas declarações que exprimem de concreto o máximo

egoísmo da minoria privilegiada. A propriedade estará acima de tudo—inclusive a segurança da sociedade e a própria vida humana. A miséria e a escravidão económica serão além da lei geral, a única realidade social possível. Aumentará o numero dos raquíticos, dos tuberculosos, dos esfomeados e dos degenerados. O país universal da miséria terá como capital o território português. Alargar-se hão os cemitérios—e a paz de Varsóvia, a paz feita do sono eterno das vitimas, reinará como palida, como esverdeada soberana, sobre os tumulos. Esta parte do programa promete uma *revanche*. E' que o instinto da conservação nos indivíduos, apesar de ser também grande a sua capacidade de resignação, não pode morrer agora—não morrerá nunca. E não faltará quem, agitado pela fome, erga os braços revoltados e no seu desespero encontrará as armas mais potentes e vingadoras. Neste duelo tragico da miséria com a riqueza criminosa, aguardaremos a última palavra.

Promete ainda neste capítulo «uma reforma bancaria no sentido de evitar qualquer intervenção do Estado nos bancos».

Esta reforma é o São Martinho da rua dos Capelistas. O país não cabia todo nos cofres dos banqueiros. Ainda havia quem tivesse, pelo menos, a posse duma camisa. Vai ficar sem ela para omnipotência de todos os Sotomaiors daquela sinistra artéria de banqueiros.

O Conselho do Tesouro e a Inspecção do Comércio Bancário incomodavam, não muito, mas um pouco, o bezerro de ouro. Desaparecerão! Alberto Xavier, caixeiro dos banqueiros, pago pelo Estado, dançará o batuque com a mais frenética alegria de toda a sua crapulosa existência.

Liberdade religiosa

Suprema ironia! A liberdade e a religião são antiteses. A religião é o dogma e a liberdade a sua mais poderosa, tradicional e irreconciliável inimiga. Pois haverá liberdade religiosa que será, em sùmula, liberdade de ir à missa, liberdade de acreditar em Deus, liberdade de casamento religioso. Mas isso já existia, isso sempre existiu—dirão. E' claro. Mas a liberdade religiosa, consiste essencialmente na supressão de todas as liberdades, exceptuando a de fanatizar que será ilimitada.

Sob este ponto ameaça-se com a concessão da personalidade jurídica da Igreja e a liberdade de ensino religioso nas escolas. Sobre a primeira já nos temos referido largamente. Quanto à segunda, recordamos o excelente artigo que ontem inserimos, da autoria do sr. dr. Geraldino Brites, ilustre lente da Universidade de Coimbra.

Garantia do direito da vida

A garantia do direito à vida resume-se, nesta síntese fraternal e humana: o estabelecimento da pena de morte. O programa não o diz, porque sabe que uma afirmação dessa natureza faria levantar as pedras das calçadas, mas deixa-o transparecer.

Haverá «uma lei repressiva de atentados pessoais de natureza política ou pessoal (autores, instigadores e detentores de armas e engenhos explosivos), sendo os seus autores julgados sumariamente ou em conselho de guerra no prazo máximo de oito dias».

Esta ideia sinistra nasce dum arrepio de medo, dum estremecimento da consciência, duma crise histérica de pavor. E' o ditador, consciente dos seus crimes, receoso das consequências das suas crueldades, apavorado com a sombra da carabina do Buiça e da Browning de José Júlio da Costa. O medo fabrica a repressão. Mas a repressão é o crime—o crime envergando uma farda e tornado lei: João Brandão diluido no *Diário do Governo*. E a repressão não tem o poder de restituir a vida aos mortos. Não serve, portanto, de seguro de vida ao ditador.

Em face deste programa só pode haver uma atitude. E essa, o povo ha de saber tomá-la na hora própria. E ai dos despotas, ai dos ditadores, quando a nossa consciência conseguir resgatar-se.

O triunfo será da reacção?

A *Epoca* é o campo de manobras, é o quartel onde se encontra o estado maior militar e civil da conjuntura que tende a estabelecer a monarquia com a violência e feroz transição duma ditadura excepcionalmente sangrenta e liberticida.

Nesse sentido vem desde o primeiro dia do movimento militar distillando ódio em todas as suas colunas, vomitando a sua baba pegnhenha sobre os que a não coadiuvam, intrigando os que se encontram na tropa, a fim de os precipitar numa guerra civil ferozmente devastadora. As suas entrevistas, feitas com alguns reaccionários fardados, não trazem nome, guardam sobre o entrevistado o mais prudente e jesuítico dos anonimatos.

Para dar bem a ideia do seu poder de intriga transcrevemos o seguinte precioso trecho desta entrevista, anónima, é claro, com um fardado reaccionário:

«Na véspera da parada militar da entrada triunfal do sr. general Gomes da Costa em Lisboa, o gabinete da presidência do Ministério, tinha um aspecto, fantástico. A meia noite, o sr. comandante Cabeçadas em pé junto da sua secretária, ouvia as reclamações daqueles revolucionários que se diziam os fieis defensores da república. Militares e civis pejavam a sala. Boaventura Faria, apoplético dava murros na mesa, gritando: «Eu tenho mil homens armados, prontos para defenderem a república em perigo!»

Viegas Lata, exclamava: «Eu tenho 800 homens!»

E logo os cálculos surgiram. «4.000 homens da 1.ª divisão, 1.800 do Viegas Lata e do Faria, a 6.ª divisão, alguns elementos da 5.ª e da 2.ª...»

E feitas as contas exclamam: «9.000 homens! E' preciso não perder um momento, vamos contra eles!»

Pálido, puxando pelos cabelos, coçando os cotovelos o sr. comandante Cabeçadas, diz nervosamente, quasi a chorar: «Eu não quero sangue, não quero combates!»

Então eu que não sabia a razão daquele susto perguntei a um oficial: «Mas porque é tudo isto?»

«Então não sabe?»

«Não senhor!»

«O Gomes da Costa está no Entroncamento com o Serpa, o Vasco de Carvalho e o Raul Esteves e outros preparando a restauração da monarquia! Amanhã entra em Lisboa para restaurar a monarquia!»

«Ah!»

«E o que lhe digol!»

Fra exibido um papel, capitulado de *Cópia fiel* das decisões tomadas no Entroncamento. Gomes da Costa, Duque de Braga, com dinheiro suficiente para honrar o título!

Fiquei pasmado com a intriga! O comandante Cabeçadas, ali na minha frente, metia do. Não sabia o que fazia, indeciso, aflito.

Do maquiavelismo que isto revela, os leitores podem ajuizar, dispensando para isso, inteiramente, mais comentários.

Quanto aos 1.800 civis que pertenciam às duas pessoas acima citadas, percebe-se claramente que é um conto do vigário. O sr. Faria é muito conhecido pela sua família, pelas pessoas que moram na sua rua—e nada mais. Os 800 civis do sr. Viegas são igualmente um *bluff*. Este senhor nunca iria prometer civis que nunca teve, a não ser que pretendesse arrogar-se a uma influência que não tem.

Há realmente civis dispostos a bater-se pela liberdade. E esses não são 1.800 apenas, são dezenas de milhares. A entrevista da *Epoca* sobre o oferecimento dos 1.800 civis é mentirosa. Se o não fôr mentem então as pessoas que os dizem possuir...

Notas & Comentários

Um ditador

Não se dissolveram ainda os municípios, consoante boatejam as turbas reaccionárias que ha de ser obra de breves dias. Mas já o município de Lisboa tem o seu ditador: é o sr. Carlos Pereira, o das Aguas. E' ele quem manda! Assim os operários municipais Manuel de Almeida e António Miguel, quando andavam ontem no serviço de rega, na Avenida da Liberdade, cumprindo ordens da respectiva repartição da Camara Municipal, foram presos à ordem do sr. Carlos Pereira.

O general dos aguadeiros a todos sobrepe o seu mortificante poder, pois até mandam prender operários que prestam um serviço que, além de útil à cidade, é determinado por entidades legítimas. Nem será conveniente protestar porque o grande sifão está em Sacavém...

Disputatório irrita-se

O tenente-coronel Mousinho de Albuquerque, heroi hereditário, que comanda, dizem os boatos correntes, as forças acampadas em Sacavém, é um disputatório intemperado. Ele tem uma enigmática inteligência; ele tem uma rouca inteligência; ele tem sábios conceitos filosóficos que sabe exprimir apenas numa frase cheia de brilho: *Isso é um disputatório!* E quando os jornalistas, sempre ansiosos por criarem, per secula seculorum, a fama dos disputatórios de Mousinho Sacavém, s. ex.ª irrita-se e chama-lhes imbecis. Já viram malto disputatório? O tenente-coronel Disputatório de Sacavém Mousinho de Albuquerque já era estupefacto no dia em que se avô nasceu—uma questão de família—e, por isso, abalistas se torna a sua opinião de que três soldados bastariam para escangalhar um jornal. Caray, que disputatório! Y se ha marchado o padre Noé com su arca... Tudo es perdido!

Nacionalismo furioso

PARIS, 15.—Pela companhia de caminhos de ferro da Alsacia-Lorena foi deliberado suspender todos os empregados que assinaram o manifesto da associação «Heim etbund» pedindo a autonomia das duas províncias. Os empregados licenciados são obrigados a comparecer perante a comissão de inquérito.

ISTO É DELES!...

O Estado cedeu à Igreja edifícios que eram necessários para escolas

Os padres já andam na rua de hábitos talares!

A Igreja Católica está aproveitando o manhosamente a situação para deitar as mãosinhas de fora... No movimento militar que derrubou António Maria da Silva não arriscou um centavo, nem esboçou uma tentativa hostil, mas prepara-se para recolher dela todos os frutos, pretendendo dar a impressão de que tudo o que surgiu após a revolução obedece aos seus desejos e curva-se perante a sua vontade...

E, em abono da verdade, devemos confessar que ela tem conseguido, devido ao seu infernal poder de intriga e à jesuítica intervenção que ela fez em certos meios, obter alguma coisa do muito que ambiciona.

Os padres, contra o que preceituum as leis vigentes, já andam nas ruas, como andam nas igrejas, de hábitos talares. O carnaval só é permitido três dias no ano, mas a Igreja conseguiu já que ele funcione a uma grande distância da quadra entrudescia.

Se qualquer operário saísse à rua, desrespeitando alguma lei, a policia seria pouca para lhe cair em cima a estrangalhã-lo ou a prendê-lo, com alucinada fúria. Mas o que se nega ao operário, que é um ser altamente útil e indispensável, —a desobediência à lei—concede-se ao padre, na maioria dos casos de abjecta moral, porém, sempre inútil e nefasto.

E o mais curioso é que assiste também ao padre o direito de afrontar a população mas a esta provalmente não lhe será consentida a desafiante, não lhe será permitido rasgar as saias aos tonsurados e corê-lo à gargalhada ou à chicotada, consoante os temperamentos.

A policia, as restantes, o ministério, o regime e alguma da *soi-disant* imprensa republicana fecham os olhos a esta desobediência atrevida que é também uma insolente provocação. Há, porém, um facto, um importante facto a considerar: nenhuma lei pode condenar um homem por arrancar a um padre a máscara. Ninguém pode ser perseguido por implicar com as saias dum eunuco hipocrita e vil. Mas há mais e melhor. O Estado, que resolveu ser para

a Igreja pródigo em favores e em dádivas, concedeu-lhe agora, de mão beijada, várias igrejas.

Passamos a transcrever dum insuspeitissimo jornal reaccionário a seguinte nota de prodigalidade do Estado:

«Foram cedidos: a título precário e gratuito, para exercicio do culto público católico, à Irmandade de São João dos Montes, concelho de Vila Franca de Xira, distrito de Lisboa, o edificio da igreja parochial da freguesia, com seus móveis, paramentos e alfaias; à Confraria do Santissimo Sacramento da freguesia de Barqueiros, concelho de Barcelos, distrito de Braga, os edificios do Santuário de Nossa Senhora das Necessidades e os das capelas contiguas, sob as invocações do Senhor dos Perdidos e Senhor dos Aflitos, sitas no referida freguesia e com todos os seus móveis, paramentos e alfaias; e a nova Irmandade de São Marcos, da freguesia de Calhariz, concelho de Vila Franca de Xira, distrito de Lisboa, o edificio da igreja parochial da referida freguesia e todos os seus móveis, paramentos e alfaias».

Em todas estas terras há falta de edificios para escolas, e toda a gente sabe que o orçamento do Estado em matéria de instrução é bastante mesquinho e avaro. Em face dessa mesquinhez e dessa avareza, que não permitem a construção de edificios próprios para escolas, o Estado devia aproveitar os que possui, mandando adaptá-los de maneira a servir para albergar as populações infantis que precisam urgentemente de ser ensinadas.

Não o entendeu assim este governo. Em vez de mandar abrir escolas, mandou funcionar mais igrejas. Achou preferível que se disseminasse nas gentes já bastante ignorantes e fanatisadas uma camada ainda mais espessa de fanatismo e ignorância.

Vamos por bom caminho, não há dúvida! Dentro em pouco, se não houver uma acção de protesto contra as arremetidas ultramontanas, o país tornar-se há simultaneamente um prolongamento do Vaticano e a sua população um rebanho que os pastores da Companhia de Jesus tratarão mais desprezivelmente do que é uso tratarem-se os animais do estábulo.

OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS

Afinal, quem fala verdade?

Uma verdade que se pretende desmentir—A reunião dos jornalistas com o comandante Cabeçadas e a ameaça do estabelecimento da censura aos jornais—Um recado do general Gomes da Costa

A noticia mais sensacional de ontem, que espertou a curiosidade da população alfacinha, foi a de que as forças acampadas em Sacavém, sob o comando do tenente-coronel Mousinho de Albuquerque, marchavam sobre Lisboa em attitude hostil.

A noticia foi dada por um jornal da manhã e confirmada por criaturas, absolutamente idóneas, que foram a Sacavém e que acompanharam todo o movimento de tropas.

Por essas fontes de informação conseguimos saber que duas companhias de infantaria 21 se dirigiam de madrugada, uma parte para o Pote de Agua e outra para a Quinta das Teresinhas, num total de 300 praças e com metralhadoras, e que marchavam para o Cabeço de Bola e Beiróis 900 praças de infantaria 7. Os nossos informadores asseguraram igualmente que na Quinta das Pretas, no Poço do Bispo, se tinham concentrado artilharia 3 e uma companhia de obuses.

O governo, é claro, desmentiu estas noticias, mas a verdade é que esse movimento de tropas se deu. Interrogados pelos jornalistas alguns officiaes da columna que marchava sobre Lisboa responderam de uma forma pouco clara. Segundo uns:

«Trata-se de um simples exercicio de recrutas».

E logo outros officiaes:

«São forças que vão ao encontro duma columna de marinheiros e civis que dizem vir-nos atacar».

Por circunstâncias ainda desconhecidas as forças que marchavam sobre Lisboa regressaram a Sacavém.

Já depois do regresso das tropas o sr. Ferreira do Amaral dirigiu-se para Sacavém, onde encontrou tudo em sossego. E o governo, dando crédito às informações que lhe foram fornecidas, apressou-se a desmentir uma coisa que era rigorosamente verdadeira.

Os representantes da imprensa no ministerio do Interior

A' noite, às 22.30 horas, a convite do presidente do Ministério sr. Mendes Cabeçadas, reuniram-se no ministério do Interior os representantes da imprensa.

O sr. Mendes Cabeçadas, depois de afirmar que à imprensa se deve em grande parte o triunfo do movimento iniciado em Braga, fez aos jornalistas as seguintes declarações:

«Os jornais nos últimos dias têm-se feito eco de alguns boatos de certa gravidade. Ainda hoje um matutino noticiava que se tinha produzido um movimento de tropas nos arredores de Lisboa, quando tal facto não se deu».

E acrescenta:

«Eu não desejaria, como me aconselharam do ministério da Guerra, recorrer a medidas de violência para evitar esses boatos. Mas se continuar este estado de coisas...»

E a frase ficou em suspenso. Nós, porém, compreendemo-la. Se se continuar a publicar noticias, embora verdadeiras, que não convêm às forças militares, estabelecer-se-há a censura aos jornais e outras medidas violentas.

Depois, como o representante do jornal a que se referiu o comandante Cabeçadas provasse, com o testemunho de alguns dos circunstantes, que a noticia era verdadeira, o presidente do ministério retorquiu-lhe:

«Eu confiei em absoluto nas informações que me deram e numa carta do sr. tenente-coronel Mousinho de Albuquerque que me deu a certeza de que os senhores me acabam de demonstrar, sou obrigado a modificar a minha opinião».

A conversa iniciou depois sobre as desintelligências existentes entre os membros do governo. E o sr. Mendes Cabeçadas afirmou-nos:

«Não ha absolutamente nada. Os membros do governo estão integrados nos mesmos objectivos. Não ha divergências. Não houve sequer conversas pelas quaes se podesse deprender que entre nós ha qualquer desentendimento».

Muito convicto:

«Com o exercito sucede a mesma coisa. Todo o exercito está com o governo. Todas as unidades nos têm afirmado a sua inteira solidariedade».

O Plano da Reorganização Nacional, ontem publicado nos jornais, e hoje analisado por nós noutro lugar, levou os jornalistas

A A. I. T. e os acontecimentos

A Associação Internacional dos Trabalhadores enviou ao Comité do Movimento da C. G. T. o seguinte officio:

«Queridos camaradas: Temos seguido até agora com febril inquietação os últimos acontecimentos politicos em Portugal. Encheu-nos de satisfação e de orgulho a valentia com que o vosso movimento se opõe à implantação da ditadura».

Camaradas: A luta em que estais empenhados tem uma grandiosa transcendência internacional e a vossa attitude servirá de exemplo ao proletariado de todos os países nesta hora tragica.

A vossa derrota seria uma nova derrota para os trabalhadores do mundo.

Persisti no vosso esforço com a consciência de que o golpe que dirigis sobre o perigo da ditadura em Portugal é um golpe vibrado contra todas as ditaduras!

A vossa voz de alento resume-se neste titulo do ultimo numero de *A Batalha* que chegou às nossas mãos:

«Desconfiar é estar prevenido!»

Saída-vos fraternalmente, pela A. I. T.—Augustin Soucy, Rudolf Roeder, D. A. Santillan, Fritz Kater».

A Bélgica desarma

BRUXELAS, 15.—O governo deliberou reduzir o exercito de 47 a 42.000 homens e vender 4 antigos torpedeiros e destroyers alemães, que primitivamente se havia projectado fazer parte da futura armada belga.

Estas medidas foram tomadas pela necessidade de fazer sérias economias nas despesas do Estado.—(L.)

O conflito mineiro

LONDRES, 15.—Realizou-se hoje ao meio dia um conselho de ministros preparatório do debate desta tarde nos comuns sobre o conflito do carvão. Em seguida ao conselho de ministros, o sr. Baldwin recebeu os representantes da associação mineira.—(L.)

Um tratado de comércio

LONDRES, 15.—Segundo noticias recebidas nesta cidade, os governos dos soviets e da Mongólia concluíram um tratado por dez anos, regulando a navegação russa nos rios mongoes.—(L.)

Tratado de aliança

BUCAREST, 15.—O ministro dos Negocios Estrangeiros romeno e os delegados checo-slovaco e Yugo-slavo assinaram a prorrogação por três anos da aliança defensiva concluída entre os três países representados na conferência.—(L.)

Violentos temporais

BERLIN, 15.—Sobre todo o norte da Alemanha, violentos temporais continuam a fazer sentir os seus efeitos.—(L.)

A situação francesa agrava-se

O governo anda muito agoniado

PARIS, 15.—O conselho de ministros, reunido esta manhã, aprovou a declaração que o sr. Briand deve fazer esta tarde sobre a situação financeira, ao pedir o adiamento da interpegação que pelo deputado comunista Cachin será apresentado na Câmara. E' provavel que os radicais não tomem qualquer posição antes das deliberações do pequeno congresso convocado para amanhã.—(L.)

O primeiro susto

PARIS, 15.—O sr. Peret pediu a demissão de ministro das Finanças.—(L.)

Pais onde não há dinheiro...

PARIS, 15.—Segundo se afirma nos círculos politicos, o pedido de demissão do sr. Peret foi motivado por divergências sobre a declaração a fazer pelo sr. Briand sobre a situação financeira, divergências que se acentuaram no conselho de ministros desta manhã.—(L.)

A nação está com appetite

PARIS, 15.—Pela câmara dos deputados foi discutido esta manhã o projecto do abastecimento do trigo, farinha e pão nas mais favoráveis condições, o qual foi aprovado após curta discussão.—(L.)

A 'obra' de Norton de Matos

Muitos milhares de contos se gastaram em material ferroviário para ficar exposto à acção do tempo

...uma nova imensidade de contos de reis que a acção do tempo vai consumindo, sem proveito, para o Estado, para a indústria, comércio e agricultura!... O que representa aquilo senão uma péssima administração, um criminoso desleixo?—ouvimos muitas vezes, em Loanda, falando sobre os milhares de toneladas de material dos Caminhos de Ferro, importado para ser inutilizado pelo tempo.

Discutiu-se muito sobre os enormes prejuízos advindos da sua aplicação e do abandono a que estava deixado o material ferroviário que a província custaria rios de dinheiro, sem que para o público algo resultasse de bom.

Entre os nossos alcazes, o material teve entrada na colónia sem que tivéssemos conhecimento, por nós próprios adquirido, da chegada dos navios que na praia despejavam toneladas de ferro dos seus monstruosos intestinos. Do mais foi transportado para fora das barreiras da capital, sendo descarregado no armazém do monte, um sobre o outro, ali ficando entregue à exclusiva guarda do tempo.

Não era sem interesse que ouvíssemos discutir acerca da importação e completo desprezo do material das vias férreas. Certo dia fomos nós certificar pessoalmente, frente à causa de tantas e tão prolongadas discussões, afim de podermos, com verdade, falar sobre o assunto.

Vimos muito, mas não vimos metade. Tivemos apontamentos no *carpet* da memória, tencionando em dias posteriores promovermos as diligências necessárias afim de percorreremos toda a enorme extensão de terreno ocupada pelo material já meio consumido pela ferrugem.

Prestes a deixar Angola, quatro dias antes da partida fomos ver o restante material e o estado em que tudo se encontrava. Era o material dos Caminhos de Ferro o que então mais nos interessava.

Proporcionou-nos o acaso, no passeio que demos, a companhia do director do jornal *Pelo no Branco*, nosso amigo Pedro de Melo.

A distância a percorrer era considerável; tomámos um *ford* e como o nosso amigo estava disposto a prolongar o passeio, atendendo a que seria o último que dava com os nossos paragens, durante quase duas horas andámos vendo parte da obra de Norton de Matos.

Afinal isto não passa dum grande roubo feito à província—dissemos ao nosso amigo. Efectivamente tratava-se dum roubo enorme, duplamente agravado. A imprensa bradava constantemente contra a falta de transportes. Não havia material e como sem ele não era possível resolver-se o problema, procedeu-se à aquisição de material suficiente a fim de construir novos troços de linha e substituir o material em estado de pouca duração.

A imprensa continuava a bradar e a imensidade de contos de reis continuava a ser pasto do ódio.

Tinham lucrado todos, fornecedores, fornecedores e intermediários. Com a aquisição era de esperar que todos se preocupassem; quanto à armazenagem podia ser feita no armazém grande, —que era o chão.

Pode, deve chamar-se a isto progresso? Pode, deve, sim; é o progresso que pode esperar-se da iniciativa e actividade estatal. É o benefício que o povo pode esperar dos sucessivos governos, pretensos administradores dos bens sociais.

Foi assim todo o progresso havido em Angola; tornou-se bem patente a todo aquele que quizesse ver *em alcaide* —o ponto culminante atingido... na escala da ruína e do descrédito.

Com os Caminhos de Ferro não podia dar-se senão o que se deu com todos os serviços dependentes do Estado. A Repartição Superior de Águas e Saneamento de Loanda andava ligada a uma história tão complicada que impossível se tornava compreendê-la. E Loanda passava aos oito, quinze e mais dias sem que uma gota de água circulasse na canalização; para atender a esta falta, no Hospital Central de Loanda, onde se gastaram rios de dinheiro não sabemos em que, nem uma cisterna havia onde a água se depositasse!

Legislação e mais legislação, propaganda, muita propaganda, almoços, jantares, bailes, passeios pela província, pelo Congo Belga e nisto se cifrou a missão de Norton.

O que em Angola havia de importante eram os nomes das diversas secções: Repartição Superior de Hidráulica da Província de Angola, Secretaria Provincial de Obras Públicas e Minas da Província de Angola, etc.

E é ainda uma repartição com tão importante título —Secretaria Provincial de Finanças—que sai uma circular descrevendo o estado financeiro de Angola: mandando pôr na rua alguns funcionários, principalmente africanos, por falta de verba para lhes pagar!!

Correia de SOUSA

a inquirir do presidente do Ministério se o plano do governo estava expresso no referido plano. O comandante Mendes Cabeçadas, visivelmente contrariado, declarou:—O plano do governo só será conhecido na devida oportunidade. O que foi publicado nos jornais de hoje não é do governo, nem mesmo do sr. general Gomes da Costa.

Esta declaração produziu uma profunda sensação nos assistentes, tendo alguns deles formulado imediatamente a pergunta:—Quem é então o seu autor?

—O seu autor não conheço. Apenas posso informar os senhores jornalistas de que o sr. general Gomes da Costa foi unicamente o portador desse plano...

Das palavras do comandante Mendes Cabeçadas os leitores tiram as ilações necessárias e encontrarão certamente explicadas as razões dos boatos que nos últimos dias têm fervilhado.

Uma desasombrada atitude

DESPORTOS

Futebol

O Sporting joga hoje com a selecção de Madrid

No Campo Grande, pelas 18 horas, dá-se hoje um encontro entre a linha titular do Sporting Club de Portugal e a selecção madrilenha que até Lisboa se deslocou para o encontro realizado no domingo a favor da Caixa de Previdência do Sindicato dos Profissionais da Imprensa.

Campeonato Militar de Foot-Ball

A'manhã realizam-se no Campo do Sporting Club de Portugal, Campo Grande, as provas finais do Campeonato Militar de Foot-Ball da Guarnição de Lisboa, organizado por uma comissão nomeada pela Associação da Fraternidade Militar.

Os desaios deste campeonato, em que tomaram parte 16 «teams» para a disputa das duas artísticas Taças de prata oferecidas por aquela Associação, decorreram reñhidos, tendo sido apurados para finalistas, em 2.ª categoria, os «teams» do Batalhão de Telegrafistas de Campanha e da Companhia de Telegrafistas de Praça, cujo jogo se realizará às 15 horas, e em 1.ª categoria, os «teams» do Batalhão de Caminhos de Ferro e do Parque Automóvel Militar, realizando-se o seu jogo às 18 horas.

A Rússia em avião

MOSCOU, 15.—O aviador francez Pelletier d'Osny aterrou em Krasnoïarsk, cobrindo assim 6.400 quilómetros em quatro etapas. (L.)

A "austeridade" dum sinaleiro

Anteontem, pelas 23.30, fazia serviço ao fundo da rua Nova do Carmo, próximo à esquina da rua do Ouro, o polícia sinaleiro 1203, ao mesmo tempo que por ali passava, caminho da estação, do Rossio, o operário ferroviário Artur Figueira.

O civico que fazia uns sinais equívocos em gestos desordenados, como o operário Figueira não obedecesse prontamente a um desses gestos, atirou-se a ele, agrediu-o selvaticamente e, não contente, levou-o preso para o posto do Nacional.

O agredido teve ainda assim a felicidade de aparecer ao chefe do posto, Monteiro, que, bem humorado, depois de constatar que o 1203 estava embriagado por uma digressão que fizera, em galante companhia, ao Jardim Zoológico, o mandou em paz, levando-o assim de ser condenado no tribunal de pequenos delictos, pela já sedida «desobediência à policia». De que se não salvou o operário Figueira foi de perder o comboio que deveria conduzi-lo a Coimbra em cuja estação presta serviço, estando portanto sujeito à sanção regulamentar contra as faltas.

Impagáveis estes sinaleiros: O transeunte que se escape de ser esborrachado por um automóvel, corre o risco de ser atropelado por um «casse-lète»...

A reunião dos delegados gráficos por oficinas adiada

A reunião dos delegados gráficos por oficina que se devia efectuar hoje na sede da Federação, fica transferida para o próximo dia 22.

A questão de Mossul

BAGDAD, 15.—O parlamento do Irak ratificou o tratado turco-britânico sobre o distrito de Mossul. (L.)

AGREMIações VARIAS

Grémio do Funcionalismo—Em reunião conjunta da direcção e do conselho de delegados occupou-se da actual situação. Depois de lida e apreciada innumera correspondência dos seus delegados na provincia resolveu representar ao governo no sentido de evitar que continuem as demissões de vários funcionários, sem motivo justificado e, ainda, que estes sejam substituídos, sem que seja por individualidades de confiança, e bem assim que seja dada ao funcionalismo uma situação em todo diferente da que até agora tem sofrido.

Resolveu ainda mostrar o seu desagrado pela medida que considera inoportuna de conceder capacidade jurídica à Igreja e restabelecer o ensino religioso nas escolas.

Entre as pretensões do Grémio figuram a simplificação das fórmulas burocráticas, estabelecimento do ordenado mínimo máximo e a entrega mediante empréstimo feito na Caixa Geral dos Depósitos dos Bairros Sociais ao funcionalismo que deles deseja tomar conta, empréstimo que seria caucionado pelo pagamento da respectiva renda e juros correspondentes, bom como discordar do anunciado encerramento das Escolas Primárias Superiores, pedindo antes a sua remodelação.

Por terras de ninguém

LIMA, 15.—O governo peruano regeitou a contra-proposta chilena acerca da divisão das disputadas províncias de Tacna e Arica. (L.)

A desordem do Frigorífico

Libertação dum incriminado inocente

Procurou-nos ontem Acácio Nunes Ferreira, operário descarregador de mar e terra, em serviço na secção do peixe do Frigorífico de Santos, a referir-nos que tendo sido preso quando duma desordem ocorrida naquele Frigorífico e provocada por um indivíduo conhecido pelo *sobriquet* de Chico Algarvio, após oitenta e três dias de prisão e depois de ter sido o processo que lhe moveram sujeito a instrução contraditória, provou-se a sua inocência, pelo que foi restituído à liberdade.

Por este caso se constata a facilidade com que se architectam acusações e a indispensabilidade da instituição do *Habeas-corpus*.

PST!

Se quizer passar uma noite agradável vá hoje ver o mais surpreendente e fantástico «vaudeville» actual—mente em scena—

O DR. DA MULA RUÇA

NO THEATRO

AVENIDA

Esbôço biográfico de Miguel Bakunine, por Max Netlau

Quando seu pai compreendeu, em princípios de 1836, que Miguel se interessava só por alguma cátedra filosófica em Moscú, como objectivo da sua vida praticamente ansiada para um futuro distante, produziu-se um violento rompimento e Miguel abandonou a casa de seus pais e dirigiu-se a Moscú para fundar uma existência própria, o que fez mediante o ensino privado de matemáticas, com a intenção de assistir à Universidade como ouvinte extraordinário. O motivo indirecto do conflito foi a viagem ao estrangeiro—já então ansiadamente desejada por Bakunine para visitar alguma Universidade alemã—o que pareceu uma enorme excentricidade ao velho pai de dez filhos.

Em Moscú, desde fevereiro de 1836, absorveu a ideologia filosófica de Fichte, *seus Vorlesungen über die Bestimmung des Geistes* traduziu a pedido de Belinski para o *Telegraph*, e cuja *Anweisung zum seligen Leben* foi o livro favorito que o fascinou directamente. Com Selankévitch leu também Goethe, Schiller, Jean Paul, E. F. A. Hoffman e outros. A sua projectada independência económica não se realizou então, como não se realizou nunca na sua vida ulterior—também uma precoce característica.

Começou a dar em Abril de 1836 uma lição; porém, em fins de Maio estava já em Pryamuchino, onde se conservou largo tempo, pois o conflito com seu pai se havia suavizado sem que nenhum cedesse nos seus pontos de vista. Com suas irmãs, que haviam lamentado muito o seu procedimento brusco para com o pai, havia-se explicado bem por carta. Nessa primavera e no verão soube convertê-las da religião.

dade formal, que lhes pareceu até ali o supremamente acessível para elas, ao fetichismo idealista no sentido da *Anweisung zum seligen Leben*, e fortificar nelas e nos irmãos menores a sua influência apenas persuasiva.

Já em 1835, em Tver, tinha concebido a ideia de formar com as suas irmãs e as irmãs Beer um pequeno centro próprio em Pryamuchino, ligado por afinidades de fins e de ideias, lugar de refúgio em face do mundo exterior. Esta, se não fora precedida de planos anteriores desconhecidos, seria de certo modo a primeira das suas sociedades secretas que tiveram sempre um núcleo muito íntimo dos companheiros mais íntimos.

Renunciaria a detalhar os anos seguintes até ao verão de 1840, em que a transição de Fichte e Hegel o mais rigoroso hegelianismo com tendências conservadoras, reaccionárias para a actualidade russa—as relações com Belinski, o conflito com os partidos radicais e socialistas em torno de Herzen e Ogari, o contacto com os jovens escravófilos, especialmente com Konstantin Aksakof e com o velho P. A. Tschadef (1796-1836) e muitos outros sucessos dariam suficiente matéria para descrições de detalhe. Realmente esse tempo foi para Bakunine um grande e penoso compasso de espera, pois os meios para a obtenção do seu objectivo, a viagem a uma universidade estrangeira, não seriam concedidos por seu pai que os não poderia conceder e outras esperanças de obter o propósito firmemente mantido não se materializaram.

(Continua.)

MEMORIAS DUM CABO DE POLICIA

(Continuação)

Acabado o começo, a multidão saiu de tropel em direcção ao Terreiro do Paço para entregar a moção. Mas a policia da primeira esquadra barra-lhe a passagem. Disparam-se os primeiros tiros. Nesta refrega cai ferido um marinheiro. Aumenta o tiroteio. A confusão avoluma-se com a chegada ao local de algumas praças da Armada que eram contrárias à policia. Já ninguém se entende. Há gritos de dor e de raiva e depois de grande luta fratricida, a policia da esquadra dos Capelistas submete-se, tendo os guardas sido desarmados e conduzidos para prisão para o Arsenal de Marinha, entre vaías e apupos do povo.

No governo civil e suas imediações passam-se casos idênticos, tendo a policia matido os assaltantes a distância.

De vez em quando chega ao Governo Civil policia de outras esquadras que haviam sido mandadas encerrar por ordem superior. Em vários pontos da cidade faz-se uma verdadeira caça à policia, com um rancor feroz amontoado durante um ano de perseguições praticadas pela mesma.

Guardas houve que «procuraram abrigo nos quartéis para sua segurança pessoal. A hora já adiantada da noite a policia, concentrada no Governo Civil, rende-se para evitar effusão de sangue, saindo todos de baixo de forma para o quartel do Carmo onde depuseram as armas.

No dia seguinte, depois de vários incidentes com uma ou outra praça isolada, estava satisfeita a vontade do sr. Cunha Leal.

Um decreto dissolveu em seguida a policia para se reorganizar dentro de melhores moldes... E' nomeada uma comissão de saneamento e convidam-se os cidadãos a apresentar por escrito as suas queixas contra a policia já dissolvida.

Por este processo, em que se procura satisfazer odios e vinganças mesquinhas, é afastada gente boa, especialmente da graduada, para assim haver vagas para os promotores do saneamento.

Os expulsos pela situação de demerista que se diziam democráticos apparecem como por encanto e são promovidos muitos cabos por distincão, alguns bastante incompetentes. Mas era preciso proceder-se assim

(na opinião do sr. Prestes Salgueiro) para mostrar ao povo que a policia era republicana.

Estes beneficiados ficaram sendo conhecidos no meio pelos *cabos milicianos*.

Saindo ao oitavo dia do quartel do Carmo, onde estivera detido, tornei a ingressar na policia por ser novato na corporação e não haver queixas contra mim. Foi então colocado na esquadra da Estrela.

Também por distincão, foi promovido a chefe o cabo Pinto, que passou a comandar a esquadra a que eu pertencia. Era um homem vaidoso, insolente e D. Juan ferivel, principalmente para senhoras casadas. Comecei a ser o seu objectivo de perseguição.

Este chefe, durante a noite, para me experimentar fazia várias metamorfoses no seu vestuário, sendo o disfarce de mendigo o que lhe ficava melhor... Parecia que alguma vez na vida o tinha sido...

Toda a perseguição que me fazia provinha do facto de eu, em publico, o censurar por passar tardes inteiras fechado no seu gabinete com certa dama moradora nas Trinas, tendo para tal fim armado uma cama nêsse já tão acanhado gabinete.

Também foram muito comentadas as visitas nocturnas que elle fazia a casa da mulher dum guarda da esquadra de Alcântara, quando o marido estava ausente.

Este chefe quando ia, no gôso de licença, a Canas de Senhorim trazia sempre manobos que depois alistava na Policia e levava para a sua esquadra. Depois empregava-os nas «bichas» do carvão, assucar e tabaco, desviando-os do serviço legal em seu proveito.

Mais tarde, quando se instalou no seu luxuoso gabinete da 4.ª Divisão, tinha guardas que lhe tratavam de tudo, até de serviços domésticos e para lhe cuidarem do jardim e das capoeiras.

E' claro que estas coisas que por mim começaram a ser notadas, deram origem a uma serie de represalias, que mais se accentuaram quando eu escrevi um artigo sob o pseudónimo de Vigilante. Por tal motivo fui castigado disciplinarmente com a passagem para a 4.ª Esquadra, comandada ao tempo pelo habil chefe Figueiredo.

(Continua.)

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Sociedade Nacional de Música de Câmara

A Sociedade Nacional de Música de Câmara realizou um concerto e desta vez sem uma primeira audição. O reparo abona o valor dos concertos anteriores, porque vem provar que tão habituados estamos à inclusão de primeiras audições que achamos raro que assim não suceda!

Este concerto, sendo interessante, foi porventura o mais ligeiro da temporada. Estamos no início do verão e a temperatura já não se vai compadecendo com espectáculos adentro de salas que não oferecem condições de permanência, nem de comodidade, o que aliás muitas vezes succede também no inverno.

Só a sonata de Corelli representava um «prato de resistência» e poucos a tocariam melhor do que o exímio violinista Luis Barbosa.

Os números de canto confiados a D. Beatriz Baptista agradaram deveras, vindo mais uma vez atestar os recursos vocais da cantora.

Ainda Eurico Tomás de Lima executou dois estudos e uma valsa de Chopin, e D. Airlinda Silva na harpa tocou «Arabesque» de Hely, e «Otonon» de Hasselmanns. Os acompanhamentos foram feitos ao piano por Luis Gomes e Ema Barbosa.

Nogueira de BRITO

Noticias

Durante a permanência da companhia Ba-Ta-Clan de Paris na Trindade a companhia Lucília Simões-Erico Braga passa para o teatro São Luis, onde se estreia na quinta-feira 17, representando uma comédia e a revista num prólogo, um acto e três quadros, original de Erico Braga, musica original e coordenada de Alves Coelho, intitulada «Papo-Seco», com a colaboração da bailarina Alexiane, do Casino de Paris.

Reclames

O mais alegre-espectáculo da actualidade é o do Gimnásio, com a hilarante comédia ali em scena «O célebre Pin», com as suas parlapatices, com os seus heróicos feitos, com o seu arrojado de aventureiro, que vai até ao extremo de se fazer passar por um autêntico comandante do vapor «Minh», fazem com que o publico ria permanentemente, durante os três actos da peça, que hoje se repete, para alegrar quantos forem ao Gimnásio.

Mantém-se, no Apolo, a concorrência com a célebre e festejadíssima peça de Braz Martins «O Santo António», que, contando mais de 50 anos, continua conquistando unânime agrado do publico. A vida do popular santo, os seus milagres, as invejas de que foi alvo, a sua morte e glorificação, tudo se reproduz na famosa oratória, que está apresentada com todo o aparato que require, tendo a realçar-lhe as qualidades, um excelente conjunto de interpretação.

Despede-se esta noite a bailarina francesa «Zuma» que tanto successo tem obtido no Teatro Sálão Foz.

Continuam em pleno êxito a completista e violinista Angelina d'Artes, a «pareja de baile Los Ortínis», no seu novo repertorio e a orquestra de jazz «Foz Melody Band».

Amanhã, reaparece, após 12 anos de ausencia na América do Norte e do Sul, o popular transformista e cancionista português Silva Lisboa, que apresenta variado repertório no seu género.

Festas em Badajoz

Por determinação do sr. ministro do interior, sob proposta do commissário geral de emigração, é dispensada a apresentação de passaportes às pessoas idôneas que desejem assistir às festas de Badajoz, desde o dia 23 até 26 do corrente.

Para que se saiba...

NEW-YORK, 15.—Numa mina de Coke-kim, no Estado de Indiana, deu-se uma explosão de grisu, vitimando 4 mineiros e deixando 85 mais ou menos feridos. (L.)

OS QUE MORREM

Rodrigo Saraiwa

Faleceu ontem o sr. Rodrigo Saraiwa, pai do sr. Serafim Saraiwa, empregado na Companhia dos Fósforos, e sogro de Manuel Soares da Costa, tipógrafo do nosso jornal. O seu funeral realiza-se hoje pelas 14 horas, saindo da Estrada de Sacavem, 226, 2.ª, para o cemitério do Alto de São João.

Dois governos amuados por conveniência

A Espanha sai

MADRID, 15.—Depois de ouvir a exposição feita pelo ministro dos negócios estrangeiros, o conselho de ministro deliberou retirar a candidatura de Espanha a um lugar permanente do conselho executivo da Sociedade das Nações. (L.)

E o Brasil também

GENEBRA, 15.—O ministro dos negócios estrangeiros do Brasil enviou um telegrama à secretaria geral da Sociedade das Nações, constituindo uma primeira comunicação, informando que o seu país se retira da mesma sociedade. (L.)

TEATRO HOJE
APOLLO e todas as noites
OS MILAGRES
DO SANTO ANTÓNIO
Desempenho inigualável!
Scenários interessantes
ORIGINAL ENSCENAÇÃO
DE
RAFAEL MARQUES

'A Batalha' na provincia e arredores

Sines

Estreita manifestação do espirito jesuitico

SINES, 12.—Há tempos que assentou arraiz nesta terra um indivíduo que desempenha a missão de faroleiro.

Porém, ultimamente tem-se manifestado um jesuita professo, levando o tempo a pregar lóas aos incautos, a fim de arranjar adeptos para a sua grei. Dá-nó e ao mesmo tempo dá por ver que é um desgraçado a quem obliteraram o cérebro a ponto de fazerem d'ele um fanático.

E' tanta a sua doença mental, que quando discute com algum invoca a palavra Deus, tira logo o chapéu, e com os olhos fitos para o ar como que a pergunta de algum, diz: oh, Deus! tem dó de mim!

Quando se vê atacado com argumentos convincentes e destruidores de todas as bases, que solta da boca para fóra, costume encerrar o debate desta maneira:—Tudo isso se fez ou se faz pela vontade de Deus!

Sujeito sempre à troça dos que o ouvem, ergue as mãos ao céu como que pedindo auxilio ao Deus dos estúpidos e dos desmoldados.

Basta um olhar retrospectivo através da história da igreja, demorar um pouco o pensamento sobre a obra dos seus mais acérrimos defensores e que se dizem filhos de Deus na terra, e veremos uma horda de scelerados, assassinos e ladrões submetendo a ferro e fogo os que têm a desdita de não pensarem como eles. Desde Arbez a Filipe II e III de Espanha, e Domingos de Gusmão que esteira de cadáveres e ondas de sangue não deixaram na sua passagem estes acérrimos defensores dum Deus falso e mentiroso?

Não sei se o dito faroleiro é instrumento dalgum bellissimo carola que ainda tem saudades do reinado das tigrinas pessoas que foram Inocência III, Luis VIII, Gregório XIII, Sisto V, Urbano VII, Inocência IX, Clemente VIII, etc., etc.

Neste caso melhor andará o tal faroleiro ao serviço do Estado, em não se meter em cavalarias tão altas, pois que o seu emaranhado arrazado já não pega e nem o regime do cacete, da força e da fogueira já volta.

Lembre-se que é ascorosa a forma como pretende fanatizar o povo, e por tal motivo já tem estado para apanhar a resposta com o bico da bota no trazeiro em paga de tanta sandice.

Queremos a tribuna livre seja aonde for, mas com lealdade e sinceridade. Mas quando o adversário foge à discussão serena e logica para o campo da metafisica querendo arremessar lama para cima desses que querem a paz e a concórdia entre o seu semelhante, pondo acima de tudo a verdade nua e crua, provada a face da sciencia, neste caso o jesuita imbecil atrevido mais velhaco, merece um escarro na fronte por desprezo.

Mas o povo já sabe que falar um discípulo de Lóiel e zurrar um burro equivale ao mesmo.

Pobre bicho; como perdes o teu tempo e estragas o teu bestunho em teorias que já saíram da moda! Como és digno de dó!

Nem o teu Deus te pode salvar.

Moscavide

Um feixe de noticias

MOSCAVIDE, 14.—Deve no domingo próximo fazer a sua apresentação em publico a Orquestra Sinfónica regida pelo exímio artista Quintão.

—Está em exposição na casa Martins & Irmão um soberbo trabalho de Joaquim Pereira, o «maquinista»: a nau «São Gabriel», em miniatura, quando do descobrimento do caminho marítimo para a Índia.

—Prosseguem os esforços para a criação dum apeadeiro ou estação, sendo offerecidos gratuitamente à companhia dos caminhos de ferro os necessários terrenos.—C.

Sessão de propaganda sindical

Na Secção Metalúrgica do Alto do Pina

E' hoje que se effectua, pelas 21 horas, na sede da secção do Sindicato Unico Metalúrgico no Alto do Pina, a sessão de propaganda sindical que havia sido annunciada para ontem. Exorta-se o operariado metalúrgico a comparecer no máximo numero a esta sessão, em que discursarão representantes da Central, das secções, da Juventude Sindicalista e da comissão mista sindical do Alto do Pina. Esta e outras sessões visam a estimular o levantamento da organização sindical metalúrgica.

PEREIRA—Alfaiate

R. da Prata, 266, 1.ª

FATOS RECLAME a 295\$00

Liga dos Amigos dos Hospitais

Donativos recebidos:—Empresa do Cinema Condes, 500\$00; Animatógrafo do Rossio, 100\$00; Eden Cinema, 100\$00; Hotel Internacional, 100\$00.—Inscrição de novos sócios: Junta de Freguesia dos Anjos, 1.000\$00; Emílio de Aguiar, 25\$00; Engenheiro, João Navarro, 15\$00; Alvaro de Almeida Cruz, 10\$00; António Pinheiro de Oliveira, 5\$00; Manoel Adolfo Rodrigues, 5\$00; Francisco Antunes Branco, 25\$00; António Augusto Fernandes, 25\$00; António Ferreira Alves, 25\$00; Manuel Nunes Correia, 25\$00; Joaquim Fernandes Serpa, 25\$00; David Garcia, 25\$00; José Rodrigues Pereira, 15\$00 e Diamantino Tojal, 5\$00.

Teatro São Luiz

Extra de hoje com polpo um acto e 3 quadros de Erico Braga, musica original e coordenada de Alves Coelho
O NOBREM DAS 5 HORAS
PAPO SECO
Quinta feira, 17
Com a colaboração da celebrada bailarina Alexiane do Casino de Paris e o ALCOB'S JAZZ-BAND



A CRISE NO ALGARVE

Alguns aspectos da vida de miséria que atravessam as classes laboriosas de Vila Real de Santo António

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO.—Em todo o litoral algarvio são iguais as determinantes da crise de trabalho. Contudo nesta vila notamos características do sentimento religioso da população que trazem para o assunto uma nova modalidade.

Em Vila Real de Santo António há fome e miséria como já vimos em Olhão. E' verdade que nesta última localidade o quadro possui tintas mais fortes que conturbam a nossa sensibilidade. Mas em Vila Real de Santo António verificamos uma paralisação completa de grande número de indústrias e a paralisação parcial de outras. Esse facto trouxe para a população a fome em muitos lares. Em virtude da falta de recursos já três operários foram prostrados pela fome!

Das 16 fábricas conserveiras, que empregavam 400 operários, está em laboração um reduzido número, onde um terço daqueles trabalhadores exercem a sua actividade.

Nas outras indústrias, ressentidas grandemente pela crise na indústria conserveira, produzem-se numa rápida paralisação.

Essa paralisação, por sua vez, produziu um movimento emigratório ao qual se não poderiam eximir centenas de nativos de Vila Real de Santo António.

Em pleno exercício das suas trágicas funções a Fome levou os trabalhadores desta vila a aceitarem o recurso supremo dos desesperados: o prestamista.

Para a Casa de Penhores foram parados os haveres dos desgraçados que pretendiam defender-se da Fome. E o prestamista, voraz como os seus confrades de Olhão, apoderou-se dos bens dos esmoleiros. Hoje, o prestamista em Vila Real de Santo António só aceita ouro pelo qual cobra um juro elevadíssimo.

Já que falamos em prestamistas, vamos-nos fazer eco de uma versão muito comum nesta localidade, versão de que nos garantem a sua autenticidade. Ela:

Uma pobre mulher do povo adquiriu numa Casa de Penhores, por 40000 uns brancos. Passado um mês a fome obrigou-a a recorrer ao mesmo prestamista, agora para lhe emprestar sobre penhor dos referidos brancos algum dinheiro.

O prestamista examinou os brancos e decidiu:

—Valem 10000!

A creatura recebeu aquela importância e retirou-se. Dias depois, como se julgasse no direito de levantar mais dinheiro sobre os brancos dirigiu-se novamente ao penhorista para o efeito. Qual não foi, porém, a sua

surpresa quando aquele cavalheiro lhe redarguiu:

—A senhora já é devedora à casa!...

E' dizer. Durante o curto espaço de algumas horas a pobre mulher perdeu o direito aos brancos, porque a importância dos juros já era superior à quantia emprestada!

Há ainda, em Vila Real de Santo António, um vínculo determinado pela crise de trabalho. Referimo-nos à especulação religiosa, feita em torno da população dizimada pelo terrível flagelo.

Incompetentes para debelarem a crise de trabalho, os reacçãoários deste burgo aconselham a população, em sermões e novenas, a confiar em Deus a solução da miséria que tanto a vitima.

E' claro que a população não confia nessas ataraxias. Há um ano que dura esta odisséia, e essa circunstância trouxe-lhe a convicção que só deve confiar nas coisas terrenas.

Os trabalhadores de Vila Real de Santo António já estudaram em sessões e comícios públicos a sua triste situação. Do resultado a que chegaram fala a representação que foi entregue aos poderes constituídos, e publicada integralmente no nosso jornal.

Se aos poderes públicos merecer atenção a sorte das 60.000 pessoas que morrem de fome em todo o Algarve as reclamações dos trabalhadores contidas na aludida representação serão atendidas, e uma nova vida trará felizes dias para os miseráveis que aqui vegetam uma triste existência.

O povo de Silves marca uma nova atitude

SILVES, 13.—A convite da comissão nomeada nesta cidade para juntamente com as comissões doutras localidades algarvias reclamar dos poderes constituídos o debelamento da crise de trabalho que se faz sentir em todo o algarve, reuniu-se o povo trabalhador desta localidade para apreciar as demarches levadas a efeito pela comissão convocante.

Fizeram uso da palavra alguns membros da referida comissão que deram conta à assembléa do resultado dos seus trabalhos, verificando-se por eles que nada ficou resolvido do que interessa aos trabalhadores vítimas da crise de trabalho.

Por esse motivo a assembléa resolveu que a comissão volte a Lisboa tratar, junto dos poderes constituídos, do mesmo assunto.

nos presos e mandou, uns para a Guiné, outros para Cabo Verde.

Foi violenta essa medida? Não há dúvida. Mas as autoridades justificam-na com as circunstâncias excepcionais do momento.

Em África morreram alguns dos deportados. Outros fugiram, tendo dois deles estado, já esta semana, em Lisboa.

Hoje, que a Ordem se encontra assegurada e o país está entregue à força armada, não há, realmente, motivos bastante ponderosos que evitem o regresso desses indivíduos e o seu imediato julgamento.

Apuradas as respectivas responsabilidades, cada um seguirá ao seu destino, tendo-se, em conta, para a apreciação de cada processo, o longo tempo de prisão e de degrado já sofridos.

Nenhum operário deve trabalhar na construção do palatário

Recebeu o Sindicato Unico da Construção Civil uma carta dos presos por questões sociais em que aqueles camaradas apelam para o Sindicato no sentido de este fazer uma prevenção aos operários da Construção Civil, para que eles não se prestem a ir para a cadeia do Limoeiro fazer o palatário com que se pretende tirar aos presos a liberdade de poderem estar algumas horas juntos das suas famílias. Por este motivo este Sindicato apela para todos os camaradas da Construção Civil, para que não se prestem a fazer tal obra que vai retirar uma regalia que os presos ali gozam, tornando mais horrível o seu viver.

CRISE DE TRABALHO

Operários licenciados das obras do Estado

A comissão de melhoramentos da Associação de Classe dos Mestres e Operários das Obras dos Edifícios e Monumentos Nacionais, convida os operários licenciados, inválidos e sinistrados a reunirem-se hoje pelas 10 horas da manhã, na sede da Associação, travessa do Oleiro, 13, a fim de tomarem conhecimento dos trabalhos realizados junto das entidades competentes para a abertura das obras e pagamento das pensões e indemnizações aos inválidos e sinistrados.

Excursão de estudo

Os alunos da Escola Primária Superior Adolfo Coelho, por iniciativa do professor Rodrigues Direito, realizam amanhã uma excursão de estudo a Évora.

Secção Telegráfica

Federações

DO LIVRO, DO JORNAL E SIMILARES

Conselho Inter-federal, segue officio e expediente.

Liga Gráfica de Évora, segue officio e expediente.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo do Porto.—Enviem urgente credencial para o delegado ao Conselho Federal.

A explosão de bombas no Porto

A opinião pública exclui os sindicatos operários das responsabilidades no trágico acontecimento

O acontecimento ocorrido na sede do Sindicato Unico da Construção Civil do Porto emocionou fortemente a classe operária, a cuja organização e seus militantes e filiados não podem ser associadas responsabilidades. De resto, é essa a opinião unânime do público, a avaliar pelo *Primeiro de Janeiro*, daquela cidade, que ontem declarava o seguinte:

«Causou funda impressão no elemento operário o trágico acontecimento no Sindicato Unico da Construção Civil. As classes trabalhadoras do Porto, pugnando pelas suas regalias num direito legítimo, são no geral adversas a actos violentos. E assim, multissimos elementos do próprio Sindicato da Construção Civil lamentam desgostosos o acidente. Fazemos-lhe justiça: não pode uma classe operária, prestimosa como aquela, tornar-se responsável pela desorientação de qualquer dos seus membros. Essa classe, como as outras, faz as suas reivindicações. Trabalha e quer, naturalmente, a compensação desse trabalho, mas como um direito que lhe assiste. Impõe-se pela razão e não pela violência.»

O mesmo jornal publica ainda as seguintes afirmações, que atribui a um dos mais sinceros propagandistas dos direitos operários e que faz parte, justamente, da construção civil:

«Há no Porto, como sabe, muitos milhares de operários. Ora todas as associações, todos os sindicatos a que eles pertencem se formaram com o fim único de os tornar mais unidos, de melhor se organizar a defesa dos seus interesses. E posso garantir-lhe que há hoje aquilo a que pode chamar-se consciência colectiva. Notam-se imperfeições, divergências de pontos de vista? Sem dúvida. Mas isso acontece em todo o mundo civilizado. O operariado português é uma força. Virá o dia em que ela saberá impor-se. Entretanto, porém, não precisa de fazer exigências pela bomba de dinamite!»

Há de desaparecer a opressão, estou disso convencido. Não de cumprir-se as leis sociais! Todas estas lutas não tendem senão ao aperfeiçoamento. Consideram esse aperfeiçoamento um mito? Enganam-se. Ele é um ideal, não apenas das classes operárias, mas de toda a Humanidade!

Acredite. O operariado português defende e defenderá sempre, intransigentemente, os seus legítimos interesses; mas é em si próprio que reside a força, não precisando de recorrer à dinamite!»

Uma nota officiosa de vários sindicatos operários

Os sindicatos operários instalados na sede do Sindicato da Construção Civil publicaram a seguinte nota officiosa:

«Os corpos gerentes dos organismos operários instalados na sede do Sindicato da Construção Civil, à rua da Boavista, ao terem conhecimento pela imprensa, do desastre ocorrido na sua sede, no passado sábado, pelas 16 horas, reuniram juntamente com representação do Sindicato U. da Construção Civil, Sindicato Unico Mobilitário, União dos Jardineiros do Porto, Federação da Construção Civil (Secção de Propaganda do Norte), e Federação Mobilitária (Delegação de Propaganda do Norte).

Desta reunião, expressamente convocada para se pronunciarem sobre o desastre que vitimou dois operários, saíram as resoluções que abaixo se transcrevem e que por unanimidade se resolveu tornar públicas pela imprensa, a fim de desfazer impressões e conceitos errados, bem como tendenciosas informações, — visto não ser justo que a actos individuais se atribua responsabilidade colectiva. Assim, foi resolvido publicar:

1.º—Que José Barbosa de Amorim Júnior não exercia qualquer cargo no Sindicato Unico da Construção Civil, sendo apenas seu filiado como operário estudante, succedendo o mesmo com o operário Rocha;

2.º—O facto de José Barbosa de Amorim Júnior possuir as chaves do Sindicato, deve-se apenas a ter conseguido as mesmas de sua companheira a quem estava confiada a limpeza da sede, e por cujo trabalho era remunerada mensalmente;

3.º—Esperam estas colectividades operárias, às quais repugna o uso de tão mortífera como desastrosa arma, que as autoridades procurem com brevidade a quem atribuir as responsabilidades, que, a nosso ver, se limitam apenas às duas vítimas da sua obra;

4.º—As comissões administrativas destes organismos, que se encontram em sessão permanente, estão ao dispor de quem cumpre as investigações, dispondo-se a fornecer as chaves das suas dependências e arquivos, para mais minuciosas pesquisas.

Toda a correspondência para estes Sindicatos deve ser provisoriamente endereçada à rua de Entreparedes, 33, 1.º.

Uma atitude carinhosa

O director do Instituto de Cegos do Porto, sr. Miguel Mota, officiou ao commissário geral de policia, pondo à sua disposição aquele estabelecimento para nele ser internado o filho cego do estudante José Barbosa de Amorim.

Como o internato só pode ser depois dos 6 anos, e a criança apenas tinha 4, o commissário geral limitou-se a agradecer o oferecimento.

As Investigações policiaes

O chefe sr. Carvalho, da 2.ª secção de Investigação, esteve no Hospital da Misericórdia a tomar declarações ao carpinteiro Joaquim Coelho da Silva, cujo estado vai melhorando, havendo esperança de o salvar, devendo, porém, perder o olho direito.

Segundo as suas declarações, fora para almorçar com o Barbosa passar o tempo, e ler o jornal, fechando as portas por dentro.

Em certa altura foram à janela ver o bando precatório que passava e quando voltaram para dentro esbarbaram na mesa onde havia bombas, que caíram, dando-se a explosão.

Os risíveis alvitres do efeminado integralismo lusitano

Negar a *militarite* aguda de que foram atacados os nossos bons conservadores, seria negar a existência da terra, do sol, ou da estúpida talassica.

Os sintomas da terrível enfermidade são tantos e tão variados que o maior leigo em matéria clinica, não duvidará em diagnosticar.

O morbo medonho desenvolveu-se, como é natural, atendendo à sua feição caracteristicamente militar, entre os mantenedores da ordem. Daí passou rapidamente a atacar os fortes cerebros dos nossos salvadores, os variegados pais da pátria que nos têm levado tudo o que Deus nos deu e ainda o que nos cresceu... como seja a vontade de lhes acabar com a raça.

Hoje, tendo inundado todos os campos propícios ao seu desenvolvimento, a *militarite* está dando os seus frutos.

Frutos são esses tão amargos que a boca mais tolerantemente acucarada não os pode trincar sem um arripio de repugnância.

De facto, o cosinhado que nas altas esferas governativas se está preparando, grossas avarias estomacais vai trazer áqueles que tenham de o ingerir. Bem verdade é, que talvez não tarde muito uma distribuição gratuita e obrigatória de bom «óleo de ricino»; se assim for, o mal causado pela indigestão de «ordem» terá o seu lenitivo próprio...

Deixemos, porém, o jantar e vamos à sobremesa que nos oferece um súbito de el-rei, poetastró barato vestindo caro de alfaiate «chic». Ougamo-lo ao canto dum eléctrico segredando a um companheiro de viagem, velho parvo carcomido pelo caruncho do passado, as suas ideias acerca do momento que passa.

Não simpatisa grandemente o nosso homem com Cabeçadas, talvez pela mesma razão que o seu semelhante na escala zoológica a aborrece também: A cabeçada não deixa, de facto, os movimentos livres; anarra mais curto, segundo a expressão profissional.

Ora o Cabeçadas tinha por intermédio dum seu irmão dado certas explicações à Central Operária, e isso que para nós não nos aquenta nem arrefenta, causava engulho ao menino integral.

—Se a C. G. T. não abdica, mobilizase! — dizia o asno.

Filho, isto é de rebentar a ri! A C. G. T. mobilizase!

Só dum melão como o daquele illustre poeta integral podia sair tão luminosa ideia. Para o pequeno, como estamos sendo governados por tropas, tudo obedece às brilhantes regras militares e o seu maior desejo seria talvez que lhe metessem uma gaita nas mãos e o fizessem tocar... as várias ordens de serviço que são de uso na caserna.

Pobre integralismo lusitano! Que figura brilhante fariam os seus homens se amanhã tomassem conta desta desditosa parvónia! Desgraçados lunáticos cegos com o brilho dos... botões da farda, como poderéis ficar o Sol que é chama rubra que vivifica e se chama Liberdade?

A C. G. T. mobilizase! Que boa ocasião de estar calado o poetastró! Suicida-te infeliz! Livra-nos de contemplar-te o melão desprovido de miolo!

Libertus

As Escolas Primárias Superiores e a sua supressão

Os alunos das Escolas Primárias Superiores de Lisboa pedem aos colegas das demais escolas da provincia que succedem a sua representação a entregar ao ministro da Instrução e presidente do Ministério, na próxima sexta-feira, na qual se pede a conservação das escolas que frequentam, como única garantia do seu bem-estar futuro, pois não podem comportar as despesas que hoje são exigidas para a educação a ministrarem em qualquer liceu.

SOLIDARIEDADE

Uma festa em favor dos militantes Alfredo Lopes e Francisco Gil

Alfredo Lopes e Francisco Gil, dois activos militantes da organização sindical da construção civil que se encontram a braços com uma perigosa enfermidade, vão ter uma justa homenagem na festa que em seu favor se realiza na próxima segunda-feira, no Salão da Construção Civil, promovida pelo Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa.

O programa dessa festa é o seguinte: representação do drama em 3 actos «Provas do Crime», a cargo do grupo dramático Solidariedade Operária, um acto de variedades e canção nacional por conhecidos cultores.

Abrihanta o espectáculo o grupo musical «Os Simpáticos». Os bilhetes para esta festa encontram-se à venda na administração do nosso jornal.

Um imposto pela janela fora!

Não há lei que autorize a tributação de portas e janelas

Como há tempo a imprensa noticiou, em uma das sessões da Câmara Municipal de Lisboa foi apresentada uma proposta no sentido de que fossem criados impostos sobre os quais um que se referia ao pagamento de determinada quantia, por uma só vez, por cada janela ou porta de casa de habitação. A Procuradoria Geral da República mandada ouvir sobre o assunto, acaba de emitir parecer, no sentido de que não existe disposição legal que autorize a criação de tais impostos.

Um novo dirigivel

ROMA, 15.—Foram coroadas de absoluto êxito as experiências do novo dirigivel «L-3», construído por encomenda do governo japonês.—(L.)

A vereação democrática tornou o corpo de bombeiros uma casa de negócios... escuros

A desinteressada insistência do campeão da antiga rua Formosa pelo preenchimento, por concurso, do lugar de 2.º comandante, força-nos a um passageiro comentário sobre o objecto da sua reclamação.

O referido lugar era, há 13 anos, desempenhado pelo official de Engenharia João Craveiro Lopes de Oliveira. Feita uma sindicância ao Corpo de Bombeiros que parece nada ter apurado de desprimoroso para ninguém, (as sindicâncias na nossa terra são como os concursos; satisfazem sempre aos honestos desejos dos sindicantes e juris), a Câmara, julgando o lugar de 2.º comandante perfeitamente dispensável, extinguiu-o.

A esse tempo o efectivo dos dirigentes da Corporação somavam: 1 ajudante, 2 Chefes de Divisão e 10 de Secção. Pouco depois, suscitando-se a grande necessidade de aniquilar um dos grandes amigos do sr. António Maria da Silva, e contando então o referido efectivo, 2 ajudantes, 4 Chefes de Divisão e 16 de Secção, a Câmara, julgando absolutamente imprescindível, (pudera) o lugar de 2.º comandante, cria-o novamente e manda prover nele o actual Comandante.

Leitor amigo, olha que não estamos a descrever uma scena de brincadeira de rapazes aos comandantes. Foi autêntico.

Prometemos, no passado domingo, demonstrar quanto podem os trabalhos para particulares feitos nas officinas. Vamos a isso. Desmascaremos os pequenos tufos da politica que muitas vezes são bem mais perniciosos que os de cima. Não pudermos legalmente concorrer, como já dissemos, os empregados Alfredo Alberto Ferreira e José Pais. Porém, pouco depois, a requerimento seus, apparecia no Comando uma comunicação da Câmara, mandando abrir um concurso especial para ambos. Desvendemos as razões que accionaram tão prepotente despacho.

Um deles, aquele de quem nos occuparemos mais demoradamente, pois que já faz subir o número das suas victimas quasi a uma dezena, anda ensinando o vereador dos incêndios a guiar automóveis em carros da Corporação, e, às vezes, durante o tempo em que devia permanecer no seu lugar.

Pergunta-se: com que direito utiliza o sr. vereador os carros dos incêndios na sua aprendizagem, distraindo do seu lugar o encarregado de uma officina, que ganha, (fora presumíveis alcavalas), 25\$000 diários? Abstrahindo o que o facto representa de abusivo, sabe o sr. vereador por quanto sai hoje uma aprendizagem de *chauffeur*, tanto mais em semelhante condições?

E o referido encarregado, consciente dos seus actos, o que o torna delinquento à face da lei, medo o que este tem de desonesto também para si? Mede. Mas o concurso estava à porta, e, não podendo nele ser incluído o caminho da legalidade, qualquer outro lhe serviria, uma vez que ali fôsse dar.

Qual a disposição legal que faculta ao sr. vereador utilizar-se em serviço aturado dos carros do Corpo de Bombeiros e respectivo *chauffeur*, o qual, para disfarçar o escândalo, veste, não a farda com que devia apresentar-se em toda a parte, pois se encontra em serviço normal, mas sim um fato de kaki? E os automóveis dos médicos, quem pode autorizar as suas reparações nas officinas do Corpo, fornecimento de gasolina e óleo etc? Que destes últimos, — óleo e gasolina — são descontadas, aos seus proprietários: nas respectivas folhas de vencimentos as importâncias correspondentes! Ah! Ah! Nós sabemos o que isso é. Mas então o Corpo de Bombeiros é casa de negócios? E uma motocicleta fôge foi radicalmente reparada no quartel 10? Também foi descontada ao seu proprietário a competente importância?

Eis algumas das razões por que em beneficio de José Pais e Alfredo Alberto Ferreira, contra todas as razões de ordem moral e jurídica, se abriu excepcionalmente um concurso de que resultou flagrante atropello para os direitos e interesses do que legalmente já haviam prestado as suas provas e que assim se vêem atirados para trás.

Se forem dissolvidas as corporações administrativas, a comissão a quem fôr entregue o Municipio de Lisboa, compete, a exemplo de casos congêneres que se estão dando no país e que tiveram por única justificação um semcerimonioso favoritismo politico, anular o concurso de que nos vimos occupando, porque é de bem a síntese da omnipotência democrática.

Como vai ser resolvida a questão dos tabacos

Consta que vai ser publicado um decreto determinando que seja adquirido, em concurso, todo o tabaco para manipulação nas fábricas do Estado. O mesmo diploma estabelece as condições em que se devem realizar os concursos.

Foi ontem posto à venda

O N.º 24 DA REVISTA DE ARTE, LITTERATURA E ACTUALIDADES

RENOVAÇÃO

QUE INSERE, ALÉM DUMA LINDA CAPA, A SEGUINTE INTERESSANTE MATÉRIA:

A litteratura social e os valores litterários na Rússia, por Ferreira de Castro.

A crise de trabalho no Algarve (com gravuras).

A Venus moderna (com gravuras).

A organização operária algarvia, por Alfredo Marques (com gravuras).

O poder mágico das arvores, por Ladislau Bataha.

A vida dos abismos líquidos, por António Lima (com gravuras).

Justiça, conto por Eduardo Frias, illustrado por Roberto Nobre.

O mundo curioso.

Actualidades: O horário do trabalho no Comércio; António Pires de Matos; O comício do Comité de Defesa Proletária; Uma comissão das classes operárias do Algarve em Lisboa.

16 páginas illustradas com 30 gravuras e com uma capa a cores

PREÇO 1\$50

Com este número RENOVAÇÃO completa um ano de publicação

Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, para assuntos urgentes.

C. S. T.

Conselho Geral

Para continuação dos trabalhos volta a reunir hoje o Conselho, pelas 20 horas, sendo indispensável a compaenência de todos os delegados.

Junta Sindical da zona de Alfama
Reúne hoje pelas 19 horas a comissão executiva para assuntos urgentes.

COMUNICAÇÕES

Federação do Livro, do Jornal e Similares.—Reuniu ontem o Conselho Central com a representação dos seguintes organismos: Conselho Inter-Federal, Compositores e Impressores Tipográficos, Encadernadores e Liga das Artes Gráficas de Santarém, tendo resolvido vários assuntos de carácter interno, alguns dos quais se referem à organização gráfica do Norte e foi official nesse sentido ao respectivo Conselho Inter-Federal.

Manufactureiros de calçado.—Realiza-se amanhã, pelas 21 horas, na rua Barão de Sabrosa, ao Alto do Pina, a primeira sessão de propaganda da série que este Sindicato pretende levar a efeito em todos os pontos da cidade. A comissão espera que todos os manufactureiros de calçado desta área acorram em massa a esta sessão que é de defesa dos seus interesses, que neste momento perigam. Será distribuído um convite aos manufactureiros de calçado daquella área, e farão uso da palavra os camaradas Manuel Joaquim de Sousa, Silva Campos, Raúl Lavado e Alfredo Monteiro.

CONVOCAÇÕES

Sindicato Metalúrgico.—Pelas 21 horas, a comissão de melhoramentos, juntamente com os nomeados na última assembléa geral, a fim de tomarem posse dos seus cargos.

Maquinistas Fluviais.—Das 17 às 20 horas, na sede sindical, todos os desembarcados, que devem vir munidos das suas cédulas marítimas.

Manipuladores de Pão.—Pelas 14 horas, a comissão de melhoramentos, na calçada Castelo Branco Saraiwa, 42, 1.º.

Sindicato da Construção Civil.—Conselho Técnico.—Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

DIAS PROXIMOS:

Federação da Construção Civil.—Para se occupar de diversos assuntos, entre os quais se encontra a representação a entregar ao governo reclamando medidas para a crise de trabalho, reúne amanhã, pelas 21 horas, o Conselho Federal.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Reúne-se hoje, pelas 21 horas, o secretariado central, com um membro da comissão organizadora do Alto do Pina.

Conselho Federal.—São convocados a reunir-se amanhã, os delegados já nomeados, a fim de iniciarem os seus trabalhos. Dada a urgência de determinados assuntos, urge que todos os delegados compareçam.

CONFERÊNCIAS

"Indústria metalúrgica"

O engenheiro sr. Ferreira de Simas realiza amanhã, pelas 21 horas, na secção da Universidade Popular Portuguesa, que funciona na sede do Sindicato Unico Metalúrgico, a 3.ª e última conferencia da sua interessante serie subordinada ao tema "Industria metalúrgica", que será, como as anteriores, acompanhada de projecções luminosas.

Classes que reclamam

Nota officiosa da Federação Ferroviária

Este organismo procurou o presidente do ministerio para lhe apresentar as reclamações aprovadas pelo conselho Federal e só por este facto visto que a attitudo deste organismo para com o governo é de franca expectativa, em virtude de se não conhecer profundamente quais os objectivos que o animam sobre a organização operária organizada.